

A historiografia do trotskismo no Brasil dos anos 1930: O que dizem os estudos sobre o projeto político da dissidência comunista.

LISBOA y Roberto Borges.

Cita:

LISBOA y Roberto Borges (2013). *A historiografia do trotskismo no Brasil dos anos 1930: O que dizem os estudos sobre o projeto político da dissidência comunista. XIV Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-010/169>

A HISTORIOGRAFIA DO TROTSKISMO NO BRASIL DOS ANOS 1930 / O QUE DIZEM OS ESTUDOS SOBRE O PROJETO POLÍTICO DA DISSIDÊNCIA COMUNISTA¹

Mestrando Roberto Borges Lisboa
Universidade Federal de Santa Maria
rb_lisboa@yahoo.com.br

Dr. Gláucia Vieira Ramos Konrad²
Universidade Federal de Santa Maria
glaucia-k@uol.com.br

Introdução

O presente trabalho busca apresentar a produção histórica pertinente às dissidências do Partido Comunista do Brasil (PCB) que se intitularam “comunistas internacionalistas” e “bolchevique-leninistas” para distinguirem-se do estigma “trotskista”³ na década de 1930. Por conseguinte, o que se quer interrogar são as pesquisas cujas escolhas permearam, com maior ou menor intensidade, o projeto político dos trotskistas brasileiros e que buscaram enfatizar diferentes momentos de sua trajetória ou tomá-los de conjunto.

Desta forma, este texto analisará trabalhos acadêmicos que diferem entre uma história marcada pela orientação no tempo e espaço relacionada ao PCB, ou seja, uma escrita da história que tem com como principal interlocutor os comunistas; e uma

¹ Este trabalho é parte integrante da pesquisa “*A Luta de Classe: O Brasil pelo viés dos trotskistas (1930 – 1945)*” que está sendo desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em História, Mestrado Acadêmico, da Universidade Federal de Santa Maria / Rio Grande do Sul / Brasil com auxílio de bolsa CAPES-DS.

² Professora Adjunta do Departamento de Documentação e do PPGH. Orientadora.

³ Termo pejorativo forjado pelos adversários políticos do revolucionário russo Leon Trotsky. É interessante notar que ele é usado pela primeira vez pelo liberal russo Pavel Miliukov para acusar as ideias trotskistas de semear ilusões revolucionárias ao proletariado durante os acontecimentos revolucionários de 1905 na Rússia. In. TROTSKY, [19--] século certo: 284. A partir de 1924, o trotskismo adquiria novo sentido. Com a oposição de Trotsky aos descaminhos da reação burocrática no Estado Soviético, as ideias trotskistas são acusadas de contra-revolucionárias por Joseph Stalin no Pravda. A derrota da Oposição Unificada russa em 1927 cimenta este significado. Logo, as seções nacionais da Internacional Comunista incorporariam este pejorativo a quaisquer oposições surgidas. Conforme Bensaid (2010: 15), “nos anos 1930, na época dos processos, quando soava a meia-noite do século, as inteligências servis do Kremlin inventariam mesmo o oximoro de ‘hitlero-trotskismo’”.

abordagem localizada historicamente no acontecimento, portanto, pela relação estratégica construída no político. Assim, tem-se ou uma história destas organizações políticas no encadeamento temporal do vivido, quase uma história panorâmica; ou uma história da intervenção política destas organizações em dado episódio marcante da política brasileira.

É a partir destes caminhos trilhados pela produção acadêmica sobre a temática do trotskismo que será possível apontar determinadas lacunas e propor novos caminhos para enriquecer o movimento de constituir inteligibilidade à práxis política destas organizações políticas ligadas a Oposição de Esquerda Internacional (OEI) e, logo depois, a Quarta Internacional (QI) cuja principal referência teórica e política fora Leon Trotsky⁴.

1. Os Estudos Do Trotskismo No Brasil Dos Anos 1930 E Suas Fontes

Os estudos que incorporam a temática do trotskismo à história do movimento operário têm seus primeiros trabalhos publicados no decorrer dos anos 1970. Enquanto Dulles (1973) e Carone (1974) abordaram os dissidentes comunistas, respectivamente, de forma episódica e reduzida delimitação temporal; Alexander (1973) fora o responsável pelo primeiro trabalho a se ater especificamente à história dos trotskistas brasileiros, ainda que, sua preocupação geral fosse os trotskistas latino-americanos.

Apesar da falta de elaboração histórica e, conseqüentemente, da confecção de um trabalho altamente descritivo; a obra de Alexander teve grande importância devido ao seu imenso valor documental a partir de uma grande quantidade de materiais e testemunhos orais de antigos militantes. (KAREPOVS, 2005: 272 – 273)

⁴ Lev Davidovitch Bronstein (1879 – 1940). Participou dos acontecimentos decisivos da História da Revolução Russa. Em 1905, participou dos eventos revolucionários na Rússia czarista, presidindo o Soviete de São Petersburgo. Membro do Partido Social-Democrata Russo (PSDR) tentou conciliar mencheviques e bolcheviques para a ação revolucionária. Contudo, durante o curso da Primeira Guerra Mundial admitiu a impossibilidade de conciliação entre mencheviques e bolcheviques – acusando os primeiros de “oportunistas” e “social-patriotas” – se aproximando dos bolcheviques, aos quais, seu grupo se juntaria, a partir de julho de 1917. Neste momento, era novamente o presidente do Soviete de Petrogrado, o qual dirigiria a Insurreição de Outubro de 1917. Durante a guerra civil e a reação de diversos países capitalistas contra as conquistas da Revolução Russa, Trotsky organizou e comandou o Exército Vermelho russo, o qual saiu vitorioso em fins de 1920. Foi membro do governo soviético e ocupou as mais altas hierarquias do Partido Comunista até 1927, sendo deportado no ano seguinte, após embate político contra o setor majoritário que se estabelecera definitivamente após a morte de Lenin, tendo como seu antagonista principal o georgiano conhecido por Josef Stalin. In. LISBOA, 2011: 16.

Ainda que as críticas apontadas acima tenham sua importância, ao localizá-las historicamente pode se perceber um avanço significativo em relação a dois momentos historiográficos anteriores: o da “produção militante” das décadas de 1950 e 1960 e o das “sínteses sociológicas” a partir da década de 1960.⁵

Resumidamente, a primeira apresentou-se sob três formas: a das “efemérides”, as histórias “inaugurais” e a das “memórias (Todavia a produção memorialística não possui uma cronologia tão evidente.)”. Entre a tessitura de cronologias de grandes greves, congressos, a divisão de uma “pré-história inconsciente” do movimento operário antes da fundação do PCB em 1922 que, por conseguinte, marcaria um novo momento na “vida da classe” e, o papel legitimador desses aportes e dos esquecimentos; ressalta-se “o ineditismo e pioneirismo” desses trabalhos, mas também seu caráter em determinados momentos “anacrônico”. (BATALHA, 1998: 148 – 149) Por sua vez, a segunda buscou estabelecer cortes cronológicos político-institucionais (antes e depois de 1930)⁶ além de algumas constatações no mínimo problemáticas, tais como: a falta de condições para a constituição da classe operária na Primeira República devido à insuficiente industrialização ou, ainda, a ausência de valores industriais entre trabalhadores sem tradição de classe. (KAREPOVS, 2005: 268)

Problematizando a temática do trotskismo no Brasil, a importância dos trabalhos das décadas de 1970 e 1980 na relação com os momentos anteriores assinalados por Batalha e Karepovs está no argumento de que os estudos das dissidências peceebistas organizadas na OEI, que ficara conhecida no movimento operário pela alcunha de trotskista, devem ser caracterizados como parte integrante da história da classe operária brasileira, do movimento operário e, também, do PCB a partir do ano de 1928. Surgidas das fraturas e tensões no interior do PCB, estas dissidências devem ser entendidas historicamente a partir das experiências partilhadas por segmentos desta classe, organizada politicamente, e na relação com outros segmentos de trabalhadores tanto nos locais de trabalho quanto em sindicatos. Mesmo que seja possível definir as pesquisas sobre os militantes trotskistas e suas organizações políticas “no quadro dos trabalhos mais correntes (tradicionais) sobre a classe operária”, ou seja, de seus partidos (história política); é fundamental evidenciar que, no caso desta corrente política, sua participação

⁵ Não é objetivo apresentar exemplos e aprofundar caracterizações. Consultar Batalha (1998) para mais informações.

⁶ Este corte buscava indicar certa inconsistência da classe operária em formar-se antes de 1930 e a tutela sindical posterior à ação do movimento operário pelo Estado.

foi apresentada anteriormente de forma pontual e depreciativa ou, simplesmente, “esquecida”⁷.

Os estudos, na década de 1970, do movimento operário valeram-se de entrevistas de antigos militantes trotskistas dos anos 1930; ainda que tenham, em menor medida, utilizado acervos pessoais. Nesta década, as pesquisas relativas ao movimento operário tiveram importante impulso a partir das consultas ao Arquivo Edgard Leuenroth (AEL)⁸. Na década seguinte, os estudos sobre o trotskismo ganhavam impulso a partir deste mesmo arquivo; valendo-se, em boa medida, do Fundo Hermínio Sacchetta. Neste momento, Campos (1981) e Coggiola (1984) tiveram publicados livros que abordavam a trajetória do trotskismo brasileiro e latino-americano, respectivamente, utilizando-se do acervo do AEL. (KAREPOVS, 2005: 273)

Ainda, na década de 1980, os estudos do trotskismo tiveram incremento a partir do Centro de Documentação do Movimento Operário Mario Pedrosa (CEMAP)⁹ que tivera importantes iniciativas. Logo, publicavam-se os *Cadernos CEMAP* (1984) com o objetivo subsidiar as pesquisas concernentes ao movimento operário. No primeiro número, o relato dos 50 anos dos *7 de Outubro de 1934*¹⁰, de Fúlvio Abramo, é possível encontrar elementos fundamentais à história da luta antifascista no Brasil: a criação do jornal “O Homem Livre” e a formação e atuação política da Frente Única Antifascista (FUA), bem como, a tensa relação estabelecida no período entre comunistas, socialistas, trotskistas e anarquistas. Também, são disponibilizados documentos políticos de jornais do período, trazendo assim, subsídios para novas pesquisas acerca do trotskismo brasileiro.

O contínuo esforço para fomentar novas pesquisas desta temática segue com a publicação de *Boletim Bibliográfico* (1985). Este publica texto de Karepovs que catalogara textos de Leon Trotsky presentes no jornal *A Luta de Classe*. O jornal fora a principal ferramenta política de difusão das idéias referentes às organizações políticas

⁷ Voluntária.

⁸ Atualmente, o arquivo pertence à Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP local onde se encontra o Fundo Hermínio Sacchetta dentre outros que podem subsidiar novas pesquisas. Disponível em: http://segall.ifch.unicamp.br/site_ael/index.php?option=com_content&view=article&id=68&Itemid=90 . Acesso em: 10 abr. 2013.

⁹ Criado em 1981. Custodiado desde 1994 pelo Centro de Documentação e Memória (CEDEM) da Universidade Estadual de São Paulo (UNESP). Mais informações encontram-se disponíveis em: http://www1.cedem.unesp.br/acervos/acervo_cemap.htm . Acesso em: 10 abr. 2013.

¹⁰ Episódio conhecido como *Batalha da Sé* na cidade de São Paulo onde se confrontaram Antifascistas e Integralistas.

trotskistas na década de 1930.¹¹ Outra iniciativa relevante do CEMAP, foi a publicação de uma coletânea de documentos das organizações Grupo Comunista Lênin, Liga Comunista do Brasil e Liga Comunista Internacionalista. O livro, organizado por Abramo e Karepovs (1987), sistematizou importantes textos políticos acerca do entendimento dos trotskistas brasileiros sobre o momento histórico e político vivenciado no Brasil da década de 1930.¹²

Na medida em que estes documentos inéditos ficaram acessíveis, estudos foram publicados utilizando basicamente a documentação do AEL e do CEMAP.¹³ Note-se que os acervos continuaram a receber novos documentos doados por antigos militantes e familiares destes. Também, outros documentos vieram a público. Por exemplo, hoje é possível consultar a documentação originária do Tribunal de Segurança Nacional e preservada no Arquivo Nacional localizado no Rio de Janeiro. Estes documentos haviam sido apreendidos após a repressão governamental desencadeada após a tentativa do putsch stalinista de 1935. (KAREPOVS, 2005: p. 274) Além disso, estudos recentes utilizaram-se do fundo do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) da Associação dos Procuradores do Estado de São Paulo, especificamente, do prontuário do Comitê Antifascista, além dos fundos do DOPS existentes nos Arquivos Públicos dos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro.

Outra publicação que trouxe documentos importantes foi a de Neto (1993), o autor incorporou as cartas de Mario Pedrosa endereçadas a Lívio Xavier entre 1926 e 1930. Estas permitiram acompanhar alguns desdobramentos acerca das divergências e das lutas internas na Internacional Comunista (IC) e no PCB e, ainda, questões pertinentes as dissidências comunistas junto da problematização de como organizá-las. De outro modo, o livro de Neto é uma relevante pesquisa que busca determinar a partir de farta documentação as origens do trotskismo no Brasil entre 1928 – 1931. Aqui, o

¹¹ O jornal *A Luta de Classe* é considerado o fio de continuidade entre as organizações políticas do trotskismo no período de sua publicação, respectivamente, Grupo Comunista Lênin (GCL), Liga Comunista do Brasil, Liga Comunista Internacionalista (LCI), Partido Operário Leninista (POL) e Partido Socialista Revolucionário (PSR). Foram publicados 45 números deste jornal. Hoje, estão disponíveis no CEMAP 31 números digitalizados.

¹² Documentos retirados das publicações trotskistas disponibilizadas pelo CEMAP. Atualmente, estão disponíveis no CEMAP jornais e boletins entre 1930 e 1945 (Existe um hiato na documentação entre 1940 e 1944.), tais como: *O Comunista* (1934), *O Proletário* (1935 – 1936), *Sob Nova Bandeira* (1937) e *Luta Proletária* (1945); bem como, boletins da Liga Comunista do Brasil, do POL e do PSR. Todos digitalizados.

¹³ Publicados, essencialmente, pela revista *Estudos* do Centro de Estudos do Terceiro Mundo da Universidade de São Paulo e dirigida pelo professor Osvaldo Coggiola.

autor aponta o conteúdo das cisões com os PCB junto dos primeiros passos e problemas para a constituição da Oposição de Esquerda no Brasil.

Neste sentido, o livro de Neto inaugura uma renovação na historiografia do trotskismo no Brasil no início dos anos 1990. Sobre este período, Karepovs indica que “este crescimento foi acompanhado de um salto de qualidade (...). Com novos e mais profundos olhares sobre o trotskismo dos anos 1930” (KAREPOVS, 2005: 276).

Ainda na década de 1990, Karepovs, Lowy e Neto (1995) têm capítulo de livro publicado no qual abordam as origens do trotskismo brasileiro e introduzem a trajetória da “primeira geração”¹⁴ de militantes opositoristas. Os autores buscaram definir as contribuições teóricas e políticas de Trotsky e relacioná-las as formas de apropriação dos dissidentes comunistas à luta política no movimento operário brasileiro. Ainda, estes sustentaram que a explicação do surgimento do trotskismo no Brasil passaria pela percepção de que as “diferenças com as teses locais do Partido Comunista corre[ra]m paralelamente à clarificação do quadro internacional” (KAREPOVS, 2005: 232).

Outros textos que abordam as origens e trajetória dos trotskistas brasileiros foram publicados na primeira década do século 21. De caráter panorâmico e sistemático, Karepovs e Neto (2002) e Coggiola (2003) apresentaram elementos necessários para compreensão da práxis das organizações políticas trotskistas, bem como, propiciaram análises quanto à intervenção e projeto político, respectivamente, entre os anos 1930 – 1966 e 1928 – 1964.

Por outro lado, a produção acadêmica tem apresentado novos traços que enriquecem a temática do trotskismo. Desta forma, os itinerários traçados nos trabalhos panorâmicos são recortados e limitados a momentos específicos. Por exemplo, Silva (2003) interroga a crítica operária à “Revolução de 1930” pelo viés de comunistas e trotskistas; Castro (1995, 2002)¹⁵ trabalha os projetos e ações políticas das esquerdas no processo constituinte e a Frente Única Antifascista entre 1933 e 1934; e, Ferreira (1999, 2005)¹⁶ trata do conceito de revolução na esquerda brasileira e se preocupa em evidenciar de que maneira os trotskistas forjaram sua interpretação do momento histórico brasileiro e como se utilizaram das contribuições teóricas e políticas de Leon Trotsky.

¹⁴ Entre fins da década de 1920 e o surgimento do Partido Socialista Revolucionário em 1939.

¹⁵ Destaca-se que estes artigos trabalham as organizações trotskistas do período como importante impulsionador da luta antifascista no Brasil.

¹⁶ O autor, sem deixar de situar as divergências políticas entre trotskistas e comunistas, busca situá-las no plano histórico junto da localização do Brasil como parte atrasada do capitalismo mundial.

Também, ressaltam-se os trabalhos de Almeida (2003) e Demier (2008). Embora sua proposta seja mais ampla, a pesquisa do primeiro identifica algumas questões de fundamental interesse a nossa temática. O autor apresenta as teses trotskistas sobre o desenvolvimento do capitalismo brasileiro, sobre a constituição do Estado, bem como, análises sobre a “revolução de 1930” e sobre a Aliança Nacional Libertadora.

De outro modo, os estudos de Demier são dos mais significativos e originais acerca da temática. O autor evidencia aspectos convergentes entre o trotskismo brasileiro em geral e a academia e indica nexos entre as análises dos trotskistas dos anos 1930 e os estudos acadêmicos “antidualistas” e “antietapistas”, mas também com a “teoria do populismo”. (DEMIER, 2008: 163)

Por fim, existem questões candentes e possíveis de serem respondidas diante do acervo disponível ou, até mesmo, diferentes abordagens sobre a temática. Um exemplo prático é a pesquisa recente de Castro (2010) sobre o dissidente comunista Rodolfo Coutinho que apresenta apontamentos biográficos na perspectiva de contribuir à história dos intelectuais e da esquerda brasileira, contudo, ainda em desenvolvimento.

2. Apontamentos Acerca Do Projeto Político Da Dissidência Comunista

Fundamento da intervenção política dos trotskistas no Brasil fora o peculiar entendimento sobre o desenvolvimento histórico brasileiro e suas conseqüências quanto ao caráter da revolução brasileira. De certo modo, a maioria das pesquisas recentes sobre a temática das organizações políticas de extração trotskista tiveram de incorporar estas questões para minimamente situar os sentidos do agir dos militantes dissidentes pecebistas.

Estas questões foram abordadas por Ferreira em *O Conceito de Revolução da Esquerda Brasileira 1920 – 1946* que, em capítulo do livro, problematizou a reinterpretação da realidade social brasileira levada a cabo pela dissidência comunista. Ferreira reconhece no texto *Esboço de Uma Análise da Situação Econômica e Social no Brasil* de Mario Pedrosa e Lívio Xavier¹⁷ uma das mais importantes publicações da esquerda brasileira do período.

¹⁷ Publicado em *A Luta de Classe* n. 6, outubro de 1930, e em *La Lutte de Classes* n. 28/29, fevereiro e março de 1931, respectivamente, sob os pseudônimos de M. Camboa e L. Lyon.

O autor indica o caminho percorrido pelos militantes do Grupo Comunista Lenin para entender o desenvolvimento histórico brasileiro:

O caráter da economia “colonial”, o capitalismo e a escravidão – o seu impasse -, a federação e a centralização do poder político como exigência de um capitalismo sob a égide do imperialismo monopolista, as forças aliancistas em 1930 enquanto expressões caóticas mas muito pertinentes à estrutura do nosso desenvolvimento. (FERREIRA, 1999: 206).

Ressalta-se que a economia colonial em suas especificidades estaria imbricada no “processo de acumulação primitiva de capital” exportado pelas metrópoles às colônias. No “novo mundo”, a dependência do trabalhador ao proprietário dos meios de produção teria sido criada artificialmente. O Estado, ao se apropriar da terra, a convertera em propriedade privada introduzindo a “colonização sistemática”. Assim, o colono e a pequena propriedade não conseguiram se estabelecer no caso brasileiro criando-se, assim, um rígido “esquematismo de classe”. O autor indica, ainda, que a análise dos trotskistas sobre a produção cafeeira fora fundamental para estes procederem à resolução da “contradição escravo / trabalhadores assalariados” em favor deste último intensificando a produção de “Valor” e a “liberação de capital para novos investimentos”. (FERREIRA, 1999: 206 – 207).

Em seguida, Ferreira evidencia o reconhecimento dos trotskistas quanto aos diferentes ritmos de desenvolvimento econômico em suas regiões creditando ao “desenvolvimento desigual e combinado” do capitalismo brasileiro e sua crescente integração à economia mundial e sua entrada na “esfera de atração imperialista”. Neste sentido, o imperialismo na época do capital monopolista foi entendido enquanto “obstáculo/avanço” nas relações de produção internas. No contexto de industrialização e novos e grandes investimentos, a burguesia que o impulsiona também é impulsionada sem, contudo, advir de uma “competição intracapital”. A sociedade civil que se constitui neste processo fica sob a tutela de um “autoritarismo brutal”. (FERREIRA, 1999: 208).

Cabe ressaltar que o caráter reacionário da burguesia nacional e sua dependência ao imperialismo estão latentes nas teses trotskistas esboçadas acima por Ferreira. Ainda, os postulados críticos ao caráter democrático-burguês da revolução brasileira defendida pelo PCB ganham traços nítidos.

É interessante ressaltar os argumentos de Karepovs e Neto sobre este assunto. Os autores criticam a visão comunista sobre o desenvolvimento histórico brasileiro e apontam a originalidade da leitura trotskista, a saber:

“Esboço...” supera a visão simplista do PCB, que via no Brasil apenas confrontos entre campo e cidade, entre conservadores e progressistas, entre imperialismos inglês e americano. O texto de Pedrosa e Xavier mostra que o desenvolvimento das forças produtivas brasileiras resultou em uma centralização do aparelho do Estado e em rearranjos entre as facções políticas regionais em disputa. (KAREPOVS & NETO, 2002: 122).

Outro autor que trata da questão do desenvolvimento histórico e da constituição do Estado brasileiro a partir das contribuições trotskistas é Almeida¹⁸. Todavia, destaca-se a problemática evidenciada pelo autor acerca da caracterização das classes sociais no campo e a polêmica entre o PCB e os trotskistas. Desta forma:

O PCB, ao defender o caráter pré-capitalista de muitas das relações existentes no campo, concluía pela necessidade de implementar no Brasil uma revolução democrático-burguesa, que teria como tarefa modernizar as relações sociais no campo. Já os opositoristas indicavam seu caráter capitalista de classe, inclusive com segmentos em seu interior. (ALMEIDA, 2003: 94).

Aqui, fica evidente um debate que dividiu os comunistas em fins da década de 1920 e que continuava a se desdobrar nos anos 1930, ou seja, o do caráter da revolução brasileira. Neste sentido, deve-se indicar que estas leituras sobre o desenvolvimento histórico brasileiro e, também, acerca do momento político do período acabaram por balizar as críticas opositoristas e indicaram o caráter da revolução brasileira a partir da estratégia da revolução permanente.

Também, deve-se ressaltar que quatro questões têm conseguido uma maior audiência entre os pesquisadores do trotskismo brasileiro dos anos 1930. Os estudos detiveram-se sobre as assertivas à “Revolução de 1930” que levou Getúlio Vargas ao comando do poder estatal, a questão da Assembléia Constituinte e a luta antifascista ou

¹⁸ O essencial destas questões já foi tratado aqui no que concerne aos interesses deste trabalho.

contra o integralismo de 1933 – 1934 e na crítica ao “putsch” comunista de 1935. Por conseguinte, o itinerário historiográfico acerca destas questões permite visualizar minimamente aspectos comuns destes momentos históricos sobre o caráter da revolução brasileira.

Geralmente, os estudos sobre as assertivas trotskistas da “Revolução de 1930” podem ser encontradas resumidamente nos estudos acerca da trajetória da Oposição de Esquerda no Brasil. Todavia, pode-se dizer que o texto de Silva que interrogou a crítica operária de comunistas e trotskistas à “Revolução de 1930” é o que melhor clarifica a questão do entendimento dos opositoristas sobre o acontecimento.

O autor analisa as teses trotskistas indicando “o acordo geral da burguesia e a última forma conciliatória encontrada para se garantir a dominação capitalista” (SILVA, 2002: 142 – 143). Ainda, para os trotskistas, a “Revolução de 1930” fora o resultado do conflito de várias frações regionais da classe dominante e não havia a possibilidade de indicar a “oposição entre imperialismos” (Inglês ou estadunidense) diante do episódio e, logo, descartava-se a denominação de progressistas e conservadores dependendo da influência exercida por determinado imperialismo. Ressalta-se que estas assertivas tiveram como pano de fundo uma análise sobre o desenvolvimento histórico brasileiro e sua relação com o capitalismo internacional. (SILVA, 2002: 144 – 145).

A partir destas questões, Silva destaca aquilo que acredita ser a tese central dos trotskistas brasileiros sobre o acontecimento destacado anteriormente:

A Revolução de 1930 é o tensionamento máximo e a posterior ruptura, dos fios que mantinham unidas as várias frações dominantes no quadro da federação com o revezamento entre São Paulo e Minas Gerais. Este modelo esgotou-se em função das tensões internas e oriundas da entrada em cena cada vez mais decisiva do imperialismo. As frações marginalizadas levantaram-se contra a burguesia paulista, conduzindo o Estado brasileiro para aquele processo de centralização mencionado acima. Isto pôs fim a um período do desenvolvimento capitalista no Brasil, inaugurando uma nova fase no processo de acumulação. (SILVA, 2002: 160).

Por outro lado, Castro realizou importantes análises sobre os trotskistas entre 1933 e 1934 perpassando o projeto e ação política das esquerdas durante o processo

constituente e a constituição da Frente Única Antifascista impulsionada pela Liga Comunista em São Paulo. Neste sentido, Castro aponta que:

A Liga Comunista (...) foi o principal grupo de esquerda paulista (...) conseguindo tirar do PCB a hegemonia política em São Paulo por um breve espaço de tempo ao propor, organizar e liderar a formação da Frente Única Antifascista (FUA) que, ainda que se direcionasse contra a ameaça fascista, conseguiu arregimentar a esquerda em torno da idéia de frente das esquerdas, configurando-se como uma antecessora histórica da Aliança Nacional Libertadora, que se organiza a partir das bases políticas desenvolvidas pela FUA. (CASTRO, 1995: 60).

O autor evidencia que a Liga oferecera, ainda em 1932, o *Projeto de Teses sobre a Assembléia Constituinte* ao PCB. Neste projeto ficaram evidentes análises acerca do Estado burguês, da democracia e parlamento e da orientação da práxis revolucionária. No que se refere ao último ponto, Castro defende que “a concepção revolucionária da Liga Comunista combinava a participação na democracia burguesa com o acirramento da luta de classes, a ser desencadeado por Sovietes de caráter insurrecional” (CASTRO, 1995: 78).

Neste período, a luta antifascista¹⁹ colocava lado a lado diferentes tendências do movimento operário, apesar das divergências e constantes realinhamentos para enfrentar o integralismo. Castro explica que não havia consenso entre PCB e os trotskistas sobre a caracterização do fascismo. Enquanto o primeiro “não considerava a especificidade histórica do fenômeno fascista” e, ainda, defendia uma política “contra a guerra”; o segundo entendia que o fascismo significava a “inviabilização do movimento operário e da existência das esquerdas”. Neste sentido, a socialdemocracia – apesar da desconfiança – seria um dos aliados para barrar o avanço internacional do fascismo. (CASTRO, 2002: 365 – 366).

Seguindo adiante, outro momento de interesse sobre os trotskistas recaiu sobre suas análises da ANL e do “putsch” comunista de 1935. Sobre este importante episódio da política brasileira pode-se dizer que poucos foram os estudos que se ativeram a ele buscando a crítica da LCI e sua tentativa de estabelecer diálogo com o PCB.

¹⁹ Para os trotskistas, a luta antifascista sobrepuja a luta contra o integralismo ainda que este constasse como parte integrante desta luta.

Segundo Almeida, a LCI desde o surgimento da ANL buscara entender suas origens, composição social e programa político. O principal questionamento dos trotskistas da LCI fora a desvinculação da luta antiimperialista da luta anticapitalista e, por conseguinte, a defesa de uma revolução democrático-burguesa na qual não se tinha menção sobre a luta contra a burguesia nacional. Assim, o marco político da ANL girava em torno da luta antiimperialista. (ALMEIDA, 2005: 88 – 89).

Apesar da críticas à ANL, o autor lembra que:

Os trotskistas não ficarão alheios ao crescimento desse movimento, procurando nele intervir para que se transforme, de uma organização policlassista que era, para uma frente única antifascista semelhante à proposta pela Frente Única Antifascista (FUA), de 1934. (ALMEIDA, 2005: 91 – 92).

Todavia é importante ressaltar outra crítica efetivada pelos trotskistas. Almeida sustenta que estes caracterizaram a ANL como uma frente ampla dirigida pela pequena burguesia cujo interesse estava em retirar o PCB do isolamento político que se colocara desde seu 3º Congresso de fins de 1928 quando adotara perspectiva esquerdista. (ALMEIDA, 2005: 94). Com o fechamento da ANL pela repressão estatal varguista, o PCB buscara manter o funcionamento daquela cujo desmantelamento viria após novembro de 1935 com o naufrágio do prestígio e do stalinismo segundo os trotskistas.

O autor destaca que, para a LCI, a acachapante derrota militar fora consequência da estruturação do PCB no movimento aliancista, ainda mais após ser posto na ilegalidade:

Acreditando no desgaste do governo Vargas, o PCB vai tentar manter a ANL, dissolvendo praticamente toda estrutura no seu interior. A guinada esquerdista rumo ao putsch militar é em grande parte explicada pelo isolamento do partido da classe operária, que, combinando ao fato de que os elementos que permaneceram fiéis a ANL – especialmente militares – terem aderido ao PCB, reforçou, sobretudo na sua direção liderada por Prestes, a idéia de quartelada militar. (ALMEIDA, 2005: 108).

É interessante notar que os trotskistas sustentaram que a revolta militar havia sido deflagrada à revelia dos trabalhadores, mas também dos militantes comunistas. Seu

resultado, por um lado, modificara a correlação de forças ao fortalecimento das classes dominantes assustadas com o perigo comunista; por outro lado, ocorrera “o desmantelamento do movimento operário e a ilegalidade de suas movimentações” (ALMEIDA, 2005: 122).

Por fim, indica-se outro debate característico dos anos 1930 e referente à luta política internacionalista. Qual fora a relação com o PCB e a IC? Como intervieram os dissidentes peceebistas diante do debate sobre a QI? Este questão embora apareça de forma recorrente nos trabalhos acadêmicos não fora analisada sistematicamente no que concerne ao acervo disponível. Assim, tem-se o realce da adesão a OEI em 1930 e a luta pela reforma ou contra as direções do PCB e da IC na tentativa de reorientar a inserção política destes até os anos 1933. Neste momento, a chegada ao poder do nazismo na Alemanha modifica a leitura da OEI e de Trotsky, este que define a falência da IC e de suas seções nacionais, bem como, propõe a QI.

Com exceção do trabalho de Ferreira – apesar da polêmica afirmação de que ainda que os trotskistas brasileiros propusessem novos partidos e declarassem a falência do PCB, a relação na década de 1930 com este partido seria majoritariamente de diálogo no sentido de modificar a intervenção política deste e reorientá-lo – os outros estudos tratam da questão de maneira genérica apontando, sobretudo, a solução de Trotsky e da OEI sem verificar empiricamente o que de fato se desenvolveu. Nas palavras do autor “mesmo depois de 1933, levar o bolchevismo para dentro do PCB, passou a ser tarefa que sintetizaria as ambições políticas dos trotskistas no transcurso de mais de duas décadas” (FERREIRA, 2005: 22). Neste sentido, a possibilidade de encontrar subsídios sobre a questão viabiliza-se com um estudo sistemático da imprensa trotskista do período com seus escritos sobre a QI, ainda que isto não descarte os desdobramentos concretos nos eventos marcantes da luta de classes no Brasil a partir da práxis trotskista.

Conclusão

Espera-se que ao longo deste trabalho duas questões tenham sido minimamente satisfeitas, a de historicizar as pesquisas sobre o trotskismo brasileiros dos anos 1930 com suas fontes e abordagens, assim como, a de apontar elementos para o entendimento do projeto político de suas organizações políticas a partir de alguns estudos que contribuíram para tanto.

Como se pôde ver no primeiro capítulo, a temática ganhou densidade nestes quarenta anos que fora abordada, novos documentos surgiram e acervos foram reorganizados possibilitando um merecido aprofundamento. Também, ressalta-se que apesar de situar-se no âmbito da história política, as escolhas efetivadas pelos pesquisadores determinaram o distanciamento de outros estudos que situavam os trotskistas como meros apêndices da história do PCB.

Por outro lado, no segundo capítulo, ainda que alguns textos fundamentais não tenham sido trabalhados sobre a temática, procurou-se evidenciar aspectos do projeto político da dissidência comunista e quando necessário apontar insuficiências ou lacunas. Para tanto, foram utilizadas pesquisas que propiciaram densidade à temática. Todavia, o mais significativo dos textos utilizados para apontar elementos do projeto político trotskista dos anos 1930 seja uma insuficiência realçada por Almeida para criticar a produção historiográfica acerca dos estudos envolvendo o PCB no período, mas que fora satisfeita por estes estudos que incorporaram a história do trotskismo brasileiro à luta de classes no Brasil.

Portanto, finaliza-se com esta crítica do autor:

O de não confrontar as posições trotskistas com as do PCB, o que permite a verificação das divergências em suas raízes de concretude social. (...) Qualquer análise não pode prescindir de situar o dado histórico no conjunto das circunstâncias dentre as quais emerge, sob pena de alienar o discurso das necessidades que o geram. Perde-se assim a possibilidade de objetivá-lo e entendê-lo em sua própria historicidade. (...) Conforme observamos no pensamento de Marx, o entendimento de algo só é possível a partir da análise da lógica interna e circunscrita ao conjunto de fatores nele intervenientes e resgata a função histórica que cumpre, distinta esta, muitas vezes, dos objetos propostos. Assim, quando (...) deslocam dessa historicidade as proposituras dos trotskistas, cometem um viés interpretativo, dado que resultam em interpretações ideologizadas. (ALMEIDA, 2003: 05).

Referências Bibliográficas

ABRAMO, Fúlvio, (1984), “7 de Outubro de 1934 – 50 anos”, *Cadernos CEMAP*, São Paulo: pp. 03 – 93.

ABRAMO, Fúlvio; KAREPOVS, Dainis, (1987), Orgs, *Na Contracorrente da História: Documentos da Liga Comunista Internacionalista (1930 – 1933)*. São Paulo: Brasiliense.

ALEXANDER, Roberto. J, (1973), *Trotskyism in Latin America*. Stanford: Hoover Institution Press.

ALMEIDA, Miguel Tavares de, (2003), *Liga Comunista Internacionalista: Teoria e prática do trotskismo no Brasil (1930 – 1935)*, (Dissertação de Mestrado), São Paulo: PUC-SP, pp. 01 – 199.

ALMEIDA, Miguel Tavares de, (2005), “Os trotskistas frente à Aliança Nacional Libertadora e aos levantes militares de 1935”, *Cadernos AEL*, Campinas: IFCH – UNICAMP, pp. 79 – 122.

BATALHA, Cláudio, (1998), “A Historiografia da Classe Operária no Brasil: trajetórias e tendências”, FREITAS, Org., *Historiografia brasileira em perspectiva*, São Paulo: Contexto/USF, pp. 145 – 158, 435 – 439.

CAMPOS, José Roberto, (1986), *O que é Trotskismo*. São Paulo: Nova Cultural / Brasiliense.

CARONE, Edgard, (1974), *A República Nova (1930 – 1937)*. São Paulo: DIFEL.

CASTRO, Ricardo Figueiredo de, (1995), “As Esquerdas e o Processo Constituinte Brasileiro de 1933-34: Projeto e Ação Política”, *História Social*, Campinas: UNICAMP, pp. 55 – 88.

CASTRO, Ricardo Figueiredo de, (2002), “A Frente Única Antifascista (FUA) e o

antifascismo no Brasil (1933 – 1934)”, *TOPOI*, Rio de Janeiro: pp. 354 – 388.

CASTRO, Ricardo Figueiredo de, (2010), “Rodolfo Coutinho, o marxista que falava alemão: apontamentos biográficos”, *ANPUH –Rio*: pp. 01 – 11.

COGGIOLA, Osvaldo, (1984), *O trotskismo na América Latina*. São Paulo: Brasiliense.

COGGIOLA, Osvaldo (2003), “O trotskismo no Brasil 1928 – 1964”, LAGOA; MAZZEO, Orgs., *Corações Vermelhos. Os comunistas brasileiros no século XX*, São Paulo: Cortez, pp. 239 – 270.

DEMIER, Felipe Abranches, (2008), *Do Movimento Operário Para A Universidade: Leon Trotsky e os estudos sobre o populismo brasileiro*, (Dissertação de Mestrado), Niterói: UFF, pp. 01 – 183.

DULLES, John. W. F, (1977), *Anarquistas e comunistas no Brasil (1900 – 1935)*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

FERREIRA, Pedro Roberto, (2005), “O Brasil dos Trotskistas (1930 – 1960)”, *Cadernos AEL*, Campinas: IFCH – UNICAMP, pp. 11 – 58.

FERREIRA, Pedro. Roberto, (1999), *O conceito de revolução da esquerda brasileira: 1920-1946*, Londrina: Ed. UEL.

KAREPOVS, Dainis, (1985), “Trotsky n’A Luta de Classe”, *Boletim Bibliográfico CEMAP*, São Paulo: pp. 01 – 18.

KAREPOVS, Dainis; LOWY, Michael; NETO, José Castilho Marques, (1995), “Trotsky e o Brasil”. MORAES, Org., *História do Marxismo no Brasil: Os influxos teóricos*, Campinas: Editora da UNICAMP, pp. 223 – 246.

KAREPOVS, Dainis; NETO, José Castilho Marques, (2002), “Os Trotskistas Brasileiros e suas Organizações Políticas (1930 – 1966)”, REIS FILHO; RIDENTI, Orgs., *História do Marxismo no Brasil: Partido e organizações dos anos 20 aos 60*,

Campinas: Editora da UNICAMP, pp. 103 – 156.

KAREPOVS, Dainis, (2005), “O Arquivo Edgard Leuenroth e a pesquisa sobre o trotskismo no Brasil”, *Cadernos AEL*, Campinas: IFCH - UNICAMP, pp. 263 – 284.

NETO, José Castilho Marques, (1993), *Solidão Revolucionária. Mário Pedrosa e as origens do trotskismo no Brasil*, Rio de Janeiro: Paz e Terra.

SILVA, Ângelo José da, (2002), *Comunistas e Trotskistas: a crítica operária à Revolução de 1930*, Curitiba: Moinhos do Verbo.